

SUÍNOS	2
BOVINOS	2
FRANGOS	3
SOJA	5
CAFÉ	5
COUVE-FLOR	6

O boletim desta semana analisa o comportamento das principais cadeias produtivas do Paraná, destacando, em diversas culturas, as oscilações nos preços de varejo e sua relação com os valores recebidos pelos produtores e as safras.

Entre as olerícolas, a couve-flor apresentou alta de 20,4% nas gôndolas, em março, devido às ondas de calor do verão, embora a tendência seja de estabilização com a chegada do outono.

No setor de mercearia, o café mantém patamares elevados para o consumidor, mas com perspectiva de queda no segundo semestre em função da intensificação da colheita. O óleo de soja, por sua vez, registrou uma redução de 2,3% no varejo em comparação à média do ano anterior, refletindo a desvalorização do grão.

A dinâmica de preços também impacta o setor de bovinos, onde a alta do leite no varejo finalmente começou a ser repassada ao pecuarista, garantindo um fôlego necessário após o avanço de 12,8% no valor pago pelo litro na indústria.

Por fim, o boletim detalha o cenário das proteínas animais. Na avicultura, observa-se um momento crítico de pressão sobre as margens, com o preço do frango vivo operando abaixo do custo de produção e a incerteza gerada pelos recentes conflitos no Oriente Médio.

Já a suinocultura paranaense vive um momento histórico de expansão, consolidando março de 2026 como o melhor desempenho exportador para o mês já registrado, impulsionado pela forte demanda do mercado filipino.

Boa Leitura!

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

Em 2026, o Paraná registrou o melhor desempenho para o mês de março nas exportações de carne suína, conforme dados da plataforma Comex Stat/MDIC, desde o início da série em 1997. Durante o mês, foram exportadas 21,36 mil toneladas (t), o que representa um aumento de 10,1% (1,96 mil t) em relação a março de 2025. Esse padrão de resultados recordes para os respectivos meses do ano vem sendo observado no Paraná há 21 meses consecutivos, desde julho de 2024.

Quando considerados os maiores volumes mensais de exportação já registrados, março de 2026 alcançou o quarto melhor resultado da história. Os melhores desempenhos ocorreram em setembro de 2025 (25,18 mil t), seguido por outubro de 2025 (22,18 mil t) e dezembro de 2025 (22,12 mil t).

As Filipinas foram o principal destino das exportações paranaenses de carne suína, com a aquisição de 4,64 mil t em março, um aumento de 86,9% (2,16 mil t) em relação ao mesmo mês do ano anterior. Completaram o ranking dos principais compradores: Hong Kong (3,45 mil t; -

27,2%), Uruguai (3,14 mil t; -14,5%), Argentina (2,61 mil t; +8,0%), Singapura (2,22 mil t; +9,4%), Vietnã (970,80 t; -24,8%), África do Sul (781,87 t; sem registros de importação do Paraná em março de 2025), Costa do Marfim (728,82 t; +167,1%), Peru (510,44 t; novo mercado) e Libéria (290,10 t; -6,4%).

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Após a alta no preço do leite no varejo, evidenciada na última pesquisa elaborada pelo Deral referente ao mês de março, o valor recebido pelo produtor também passou a se movimentar no mesmo sentido na última semana. Com avanço de expressivos 12,8% em relação à semana anterior, o pecuarista passou a receber, em média, R\$ 2,43 por litro posto na indústria, ante R\$ 2,15 registrados na pesquisa anterior.

O período de entressafra das pastagens, aliado à redução na captação, é o principal fator por trás da alta nos preços. Nas últimas semanas, já vinham sendo observadas elevações no leite spot (leite comercializado entre as indústrias), sinalizando que a remuneração ao produtor

Boletim Conjuntural Semana 16/2026 – 16 de abril de 2026

também seria impactada. Com isso, o pecuarista ganha algum fôlego, com margens menos pressionadas para a manutenção da atividade.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos (CNPSA), o custo de produção do frango vivo no Paraná, criado em aviários tipo climatizado em pressão positiva, atingiu em março de 2026 o valor de R\$ 4,72/kg. Essa realidade representa uma estabilidade em relação ao mês anterior (fevereiro: R\$ 4,72/kg) e retração de 2,9% (- R\$ 0,14/kg) em comparação com março de 2025, cujo valor foi de R\$ 4,86/kg.

O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) foi de 365,38 pontos (base em janeiro de 2010 = 100 pontos) em março de 2026, representando uma leve alta de 0,04% em relação a fevereiro que registrou 365,25 pontos e, uma queda de 3,5% em relação a março de 2025 (378,48 pontos). No ano, o ICPFrango acumulado atingiu uma variação de 1,44%. Nos últimos doze meses, a variação ficou em - 2,95%.

Comparado ao mês anterior, o ICPFrango registrou alta nos gastos com ração das aves (0,37%) e no transporte (3,78%), queda no item genética (- 0,08%) e estabilidade nos demais itens: na energia elétrica, calefação e cama, mão-de-obra e sanidade. No ano a situação foi a seguinte: alta nos itens ração (2,47%), genética (0,21%), mão-de-obra (0,85%), energia elétrica, calefação e cama (2,76%) e transporte (9,39%). Apenas o item sanidade, ficou estável. Entretanto, considerando-se os doze meses, tem-se: redução apenas no item ração (- 8,72%) e custo de capital (-3,38%). No item sanidade, a estabilidade prevaleceu. Os demais itens experimentaram alta: genética (17,72%), mão-de-obra (1,04%), energia elétrica (4,02%), transporte (11,45%).

Os custos com a nutrição dos animais tiveram uma alta de 2,47% no ano e baixa de 8,72% nos últimos 12 meses, representando 63,60% do ICPFrango. A aquisição de pintinhos de um dia - genética (com peso de 18,90% sobre o ICPFrango) teve uma alta de 0,21% no ano e crescimento de 17,72% nos últimos 12 meses.

No Paraná (Coeficientes técnicos: área 1.500m², peso 2,9 kg, mortalidade

Boletim Conjuntural Semana 16/2026 – 16 de abril de 2026

5,5%, CA 1,7 kg, 6,2 lotes/ano), a alimentação dos frangos de corte, principal item no custo de produção, passou a representar 63,56% do custo total de produção (R\$ 4,72/kg). Em março de 2026 o valor da alimentação ficou em R\$ 3,00/kg, o que representou uma leve alta de 0,33% (R\$ 0,01/kg) em relação a fevereiro (R\$ 2,99/kg) e uma retração de 8,8% (R\$ 0,29/kg) em relação a igual mês de 2025 (R\$ 3,29kg).

Nos principais estados criadores de frangos de corte e produtores de carne, os custos de produção em março de 2026 foram os seguintes: Santa Catarina (R\$ 4,87/kg) e Rio Grande do Sul (R\$ 4,85/kg), ambos com redução de 0,8% (R\$ 0,04) em relação a fevereiro.

Em março de 2026, o preço nominal médio estadual do frango vivo ao produtor no Paraná ficou em R\$ 4,59/kg, representando uma queda de 2,75% em relação ao preço médio estadual do mês anterior (- R\$ 0,13), cujo valor chegou a R\$4,72/kg. Sobre igual mês do ano anterior (R\$ 4,67/kg), observa-se retração de 1,7% (R\$ 0,08/kg).

Com esse valor de R\$ 4,59/kg, o preço médio estadual de março do ano corrente constata-se que está 6,7% menor

(-R\$ 0,33) que o preço médio estadual alcançado em todo ano de 2025 (R\$ 4,92).

Resumindo: o preço nominal médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, fechou março de 2026 no valor de R\$ 4,59/kg, resultando abaixo do custo médio de produção da ave viva, que no computo do mesmo mês estabilizou no valor de R\$ 4,72/kg.

Segundo informações da SEAB/DERAL, o preço do milho no atacado paranaense em março de 2026 atingiu R\$ 62,92/sc de 60 kg, representando um aumento de 2,5% (R\$ 1,55) em relação ao mês anterior (fevereiro: R\$ 61,37/sc de 60 kg) e inferior em 19,2% (R\$ 14,98) sobre o valor de igual mês do ano anterior (R\$ 77,90/sc 60 kg). O preço nominal médio de 2025 fechou em R\$ 66,30/sc de 60 kg. Já o outro insumo relevante para a nutrição das aves, o farelo de soja, atingiu em março de 2026 o valor de R\$ 1.862,06/tonelada, 2,7% menor que o preço médio estadual de fevereiro (R\$ 1.913,39/tonelada) e também, inferior em 4,8% (R\$ 94,71) sobre o valor de igual mês do ano anterior (R\$ 1.956,77/sc 60 kg). O preço nominal médio de 2025 fechou em R\$ 1.841,73/tonelada.

É fundamental ressaltar que os indicadores de março de 2026 ainda não

Boletim Conjuntural Semana 16/2026 – 16 de abril de 2026

refletem os impactos do ataque surpresa das forças armadas dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã, ocorrido na madrugada de 28 de fevereiro. Como a guerra teve início no fechamento do bimestre, os números de março ainda não refletiram os custos dos insumos que tendem a subir num cenário de guerra, mesmo que bem longe do Brasil, no Oriente Médio.

A partir de abril, certamente os custos de produção da avicultura passarão a refletir as consequências do conflito belicoso para a economia mundial e seus negócios. Como a guerra completou seu primeiro mês apenas agora, a tendência é que o choque nos preços dos combustíveis e commodities seja sentido com força a partir deste mês, alterando drasticamente o cenário de estabilidade observado até aqui.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O paranaense pagou, em média, menos pelo óleo de soja nos primeiros três meses do ano em comparação ao preço médio de 2025. A pesquisa de preços no varejo, realizada mensalmente pelo Deral, apontou que a embalagem de 900ml foi

comercializada no Estado por uma média de R\$7,25 em março, enquanto a média de 2025 ficou em R\$7,42. Assim, os preços atuais estão 2,3% menores em relação à média de 2025.

Já na comparação com fevereiro, houve uma leve alta de 2,1%. Os preços mais baixos do óleo de soja podem ser reflexo da queda nos preços da soja em grão. Em março de 2026, o preço recebido pelo produtor fechou em R\$ 115,09 por saca de 60 quilos, valor 3% inferior à média do ano passado.

CAFÉ

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O preço do café no varejo tem se mantido em patamares altos neste período de entressafra. Em março o preço médio do pacote de 500g ficou em R\$ 28,56, 3% menor do que em março de 2025 (R\$ 29,36). Essa acomodação vem sendo observada desde abril de 2025, quando os preços atingiram seu auge (R\$ 31,61), mas ainda é insuficiente para compensar a escalada anterior.

Entre julho de 2024 e julho de 2025, os preços saltaram de R\$ 16,10 para R\$ 31,14, uma alta de 95% (praticamente o

Boletim Conjuntural Semana 16/2026 – 16 de abril de 2026

dobro). Ou seja: enquanto no momento de ascensão os preços subiram quase R\$ 15,00, o recuo atual se limita a cerca de R\$ 3,00. Este é um dos fatores que impactou o consumo: dados da ABIC apontam diminuição de 2,3% no consumo brasileiro em 2025 (base out/24 a nov/25).

Porém, 2026 traz perspectivas de mudança. Há uma expectativa de que o Brasil colha uma safra volumosa, amenizando a escassez de oferta de anos anteriores. Isso já reflete nos preços recebidos pelos produtores, que recuaram 27% nos últimos 12 meses no Paraná, caindo de R\$ 2.362,81 em março de 2025 para R\$ 1.734,11 no mês passado.

Para que esse recuo chegue às gôndolas na mesma proporção, é necessário que os valores se mantenham baixos durante a intensificação da colheita. Como o produto disponível hoje foi formado em bases de preço muito maiores, a entrada da nova safra deve trazer a pressão baixista esperada, reduzindo o preço para o consumidor final no segundo semestre.

Outros fatores podem interferir nessa tendência, como a incidência de tarifas de importação (especialmente as políticas de Donald Trump), variações cambiais (por ora favoráveis à redução), custos logísticos em função de guerras e eventuais frustrações

de safra. Ainda assim, é pouco provável que tais fatores tornem os preços maiores do que os atuais no curto prazo.

COUVE-FLOR

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

Os dados nacionais da produção da couve-flor, levantados no Censo Agropecuário 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, sinalizaram que a brássica rendeu um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 171,7 milhões para uma colheita de 140,1 mil toneladas (t) do produto e estava presente em 19,7 mil estabelecimentos rurais.

Segundo o IBGE, o Paraná figurou à época como o terceiro produtor nacional sendo responsável por 12,3% do VBP, 14,5% dos volumes colhidos e 12,5% do número de estabelecimentos com a cultura. Propondo números de 2,8 mil unidades rurais com receitas brutas de R\$ 21,5 milhões para uma extração de 17,2 mil t.

O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (CEPEA/USP) propõe uma área nacional de 11,9 mil hectares (ha) em 2025 e uma produtividade entre 15 a 20 t/ha.

As informações coletadas por este Departamento demonstram que a couve-flor

Boletim Conjuntural Semana 16/2026 – 16 de abril de 2026

está presente em 297 municípios do estado e em 2024 gerou um VBP de R\$ 403,9 milhões, para um volume colhido de 52,8 mil toneladas em 2,7 mil ha, sendo a quinta olerácea em importância quando focamos nas quantidades e na renda bruta gerada no campo.

O Núcleo Regional (NR) de Curitiba responde por 71,4% das quantias colhidas e do VBP. O NR de Londrina participa com 11,2% destes indicadores, estando a atividade atomizada em todos os rincões do estado em menor escala.

O município de São José dos Pinhais concentra os cultivos com 750 ha, produção de 14,8 mil t e R\$ 113,3 milhões de VBP, representando 28,1% da área, das colheitas e da renda bruta. Colombo vem em seguida com 14,3% e Tamarana com 7,6% dos volumes e VBP, somando aos demais municípios que em graus decrescentes atuam com a cultura.

O preço médio mensal recebido pelos produtores paranaenses em março, para a couve-flor ficou em R\$ 36,71/dúzia (dz) (R\$ 3,06/unidade - uni), um acréscimo de 12,8% em relação aos R\$ 32,58/dz (R\$ 2,72/uni) percebidos em fevereiro/26 e 8,71% a menos de março/25 quando recebeu R\$ 40,21/dz (R\$ 3,35/uni).

No atacado - Centrais de Abastecimento do Paraná (CEASAs/PR), entreposto Curitiba, a dúzia de couve-flor iniciou o ano de 2026 cotada a R\$ 30,00/dz (R\$ 2,50/un.). Hoje o valor está em R\$ 50,00/dz (R\$ 4,17/un.), verificando-se um aumento de 66,7% no período. Em relação à mesma data no ano passado houve uma redução de 28,6%, quando estava cotada a R\$ 70,00/dz (R\$ 5,83/un.).

Em março, o varejo praticou preços para a couve-flor de R\$ 9,38/un., um aumento de 20,4% frente aos R\$ 7,79/un. usual no mês antecedente e 4,9% maior do que em março/25, quando chegou a R\$ 8,94/un.

Estas variações de preços estão ligadas ao fato de a oferta no verão ser menor, pois as ondas de calor intenso afetam a produção em quantidade e qualidade, tendendo os preços a arrefecerem à medida que o outono, com temperaturas mais amenas, se estabeleça.